

Prof. Carmelino Souza Vieira

Quais os projetos político-pedagógicos em andamento no Instituto Benjamin Constant que visam a inclusão do educando deficiente visual na sociedade brasileira atual?

Anualmente realizamos vários cursos de capacitação que se destinam a pais, técnicos e docentes. É o caso, por exemplo, do Curso de Especialização, com carga horária de 600 h, destinado a professores que lidam com alunos deficientes visuais.

Além disso, o Instituto produz materiais didático-pedagógicos que são distribuídos para diversas Instituições de Ensino em todo o Brasil.

Recentemente firmamos convênio com o Fundo Nacional de Educação – FNDE e a Fundação de Apoio ao Instituto Benjamin Constant – FAIBC, objetivando a produção do livro didático em Braille. Esses livros são os mesmos que fazem parte do PNLD – Programa Nacional do Livro Didático.

Nessa primeira etapa estaremos editando os livros de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental e a partir do 2º semestre pretende-se produzir os livros de 5ª a 8ª séries.

Ainda fazendo parte do projeto político-pedagógico o IBC tem firmado convênios com alguns municípios objetivando a realização de cursos e de apoio técnico.

Aliás, essas parcerias têm sido a forma mais acertada para que a inclusão se processe; mesmo porque o IBC sozinho não conseguirá êxito nesse processo de inclusão; faz-se necessário que tanto os Estados quanto os Municípios se engajem com vontade política de “fazer acontecer”; caso contrário, os alunos cegos não terão um atendimento de qualidade no Sistema Regular de Ensino por falta de recursos humanos especializados e de materiais didáticos também especializados.

Quais os projetos institucionais que visam promover a inserção do deficiente visual no mercado de trabalho?

Se educar e qualificar profissionalmente o deficiente visual consiste em tarefa difícil, imagine após isso, inseri-lo no Mercado de Trabalho. Infelizmente a sociedade não tem ciência das potencialidades do deficiente visual. É comum ouvirmos de pessoas o seguinte questionamento: “O cego sabe fazer isso ou sabe fazer aquilo?” O que falta realmente é a informação.

Buscando desmistificar a imagem distorcida em relação ao cego, o Instituto Benjamin Constant tem promovido palestras e entrevistas, participado de seminários, congressos, etc, todos falando das atividades que a pessoa cega pode desempenhar. Nesse sentido, realizamos uma pesquisa profissiográfica onde foram levantadas profissões que podem ser desempenhadas por deficientes visuais.

Preocupados com essa questão temos promovido vários cursos em parcerias com o FAT, SEBRAE e Força Sindical/SP.

Embora o maior empregador do deficiente visual seja o Estado, algumas Empresas Privadas têm absorvido essa mão de obra e demonstrado satisfação face ao desempenho apresentado.

Como o IBC se insere nas políticas de prevenção da causa da cegueira ?

Desde 1950, o Instituto Benjamin Constant possui seu Serviço Oftalmológico. Criado no Governo Vargas foi referência oftalmológica durante vários anos.

A partir de 1995, quando assumimos a direção do Instituto, começamos a incrementar aquele serviço iniciando por uma reforma das instalações. Atualmente, com a criação da Fundação de Apoio ao Instituto, conseguimos celebrar alguns convênios, alguns até internacionais, que possibilitaram a aquisição de modernos equipamentos, a melhoria do atendimento e, conseqüentemente maior demanda a exemplo do projeto catarata, com quase 1000 cirurgias realizadas apenas no 2º semestre de 2000.

Continuamos com o Curso de Especialização em Oftalmologia, com duração de 2 anos, em parceria com a UNI-RIO e a SBO.

Graças a essas parcerias conseguimos em 1999 e 2000 avaliar cerca de aproximadamente 5000 escolares, cumprindo, portanto, o nosso papel regimental de prevenir as causas da cegueira.

Qual é a diretriz que orienta o trabalho de reabilitação desenvolvido no IBC?

Na área da reabilitação temos desenvolvido atendimentos/ações no sentido de tratar o deficiente visual de forma integral. Não nos preocupamos apenas em reabilitá-lo, procuramos torná-lo um cidadão capaz de exercer, plenamente, seus direitos. Assim, dirigimos nossas ações em quatro vertentes – em primeiro lugar direcionamos nosso trabalho no sentido de tornar o deficiente visual capaz de retomar suas atividades sem que a deficiência se torne um empecilho. Cuidamos, paralelamente, de sua escolaridade graças à parceria estabelecida com a Secretaria de Estado de Educação, ao mesmo tempo em que ministramos cursos na área de informática em geral, além de alguns cursos de línguas estrangeiras como o inglês e espanhol para dotá-lo de melhores condições para enfrentar o Mercado de Trabalho.

No que tange à Qualificação Profissional, estamos estabelecendo parcerias com o SEBRAE, Delegacia Regional do Trabalho e algumas empresas de recrutamento e seleção de pessoal, para que possamos desenvolver cursos de acordo com a demanda de mercado, tornando assim mais eficiente a colocação da clientela qualificada nos postos de trabalho.

Numa visão panorâmica do atendimento ao deficiente visual, como o Sr. percebe a posição do IBC na próxima década deste novo milênio?

Sou bastante otimista quanto ao papel do Instituto Benjamin Constant para a próxima década. Em 2004 o Instituto completará 150 anos de bons serviços prestados ao deficiente visual e ao indivíduo com problemas de visão. Nesse século e meio o IBC propiciou estudos a crianças de todo o Brasil, reabilitou pessoas que perderam a visão quando jovens ou adultos, promoveu a felicidade de muitas pessoas através da inserção no mercado de trabalho, evitou que o Estado gastasse uma fábula de dinheiro, a partir do momento em que esses indivíduos, por si só, puderam prover sua própria sobrevivência e de sua família, realizou várias pesquisas tanto na área educacional quanto na área médica-oftalmológica, capacitou profissionais, melhorando, assim, a qualidade do atendimento, além de ter contribuído para que muitas pessoas que não enxergavam, pudessem enxergar. Por tudo que o Instituto pôde fazer em prol do deficiente visual e pelo que ele continua fazendo, como é o caso da edição dos livros didáticos em Braille para todos os alunos cegos, que já é uma realidade; isso graças ao apoio do senhor Ministro da Educação Professor Paulo Renato e o esforço do FNDE e da SEESP; percebo que o Instituto a cada ação se fixa como Centro de Referência Nacional, e, dentro em breve, estaremos conquistando a Excelência.